

Nelson Rodrigues, e fizemos uma leitura dramática, anotando os seus "climas" e discutindo sua "montagem". Desenvolvemos a psicologia dos personagens, procuramos imagens de "subtextos" e nos empenhamos como se a montagem fosse realmente se



# Oficinema

Mario Margutti

envelope  
Cineave

**N**a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, aprender cinema é participar de uma oficina de trabalho em grupo, planejada para não aprisionar o comportamento das pessoas nos papéis convencionais de "professor" e "aluno". Não há cursos preparatórios, nem aulas expositivas. O que se procura, no Oficinema da EAV, é acionar um processo autorenovador: descobrir o que é cinema no próprio ato de fazer cinema, estimulando a reflexão crítica por meio de conversas informais em grupo.

Sérgio Santeiro, responsável pela supervisão dos trabalhos no setor, considera que sua função "nada mais é do que dar um curso". Mas sem currículo nem valores pré-definidos, porque "isto seria absurdo, cinema não se ensina, a gente aprende é apertando o botão da máquina". Até mesmo os aspectos técnicos da cinematografia não são supervalorizados no Oficinema, como acontece em diversos outros locais de ensino. Na verdade, Sérgio Santeiro faz até questão de ressaltar sua "agressividade contra a técnica, esse elefante branco que foi inventado para afastar as pessoas da indústria cinematográfica". E acrescenta: "Toda vez que a História do Cinema mudou foi porque se deu uma rasteira na técnica".

Nesta dinâmica de trabalho, as "aulas" se desenrolam em função das necessidades específicas dos "alunos". É no exercício da sua liberdade que eles criam ou dispensam a intervenção do "professor". Os que procuram uma fórmula feita ou um modelo qualquer de linguagem cinematográfica são estimulados a descobrir suas receitas pessoais (ou grupais), obtidas na vivência do fazer cinema.

"Meu objetivo - explica Sérgio - não é revelar aos alunos os misteriosos ingredientes que compõem o cinema. Isto é mentira. Procuro ajudar cada um a desvendar os códigos do cinema, a se situar politicamente, a prestar atenção para ver como o real se manifesta, apesar dos tapumes erguidos em volta. Ninguém vai ensinar o que se bota numa tela. Não gosto da expressão "aluno" e tremo quando me chamam de "professor". Sou um orientador de grupo e isto só porque tenho dez anos de uma micro-experiência. Mas acho que aprendi a decifrar os códigos do cinema e é isto que procuro transmitir".

## O Cineave

O centro nervoso do Oficinema da EAV é um cineclubes em constante atividade, que também abriga outras manifestações artísticas como shows musicais, teatro infantil, poemas etc. Nada é considerado corpo estranho: as artes contemporâneas se interpenetram, enriquecendo nesse processo as possibilidades comunicantes de cada uma.

O cineclubes recebeu como nome de batismo a expressão "Cineave" e, como totem, a figura de um tucano empalhado. E aqui Sérgio faz piada: "Entrozamos o tucano porque sem mito não há drama". Uma das vantagens didáticas do cineclubes é permitir o envolvimento dos alunos num ciclo completo de atividades, que vai da produção à exibição de seus próprios filmes. O cineclubes também funciona como fator de conscientização da realidade sócio-econômica do cinema brasileiro. Apesar da sua pequena proporção, ele não deixa de constituir um "circuito paralelo" que contrasta com o "circuito oficial", caracterizado pelo fechamento da produção aos cineas-

tas jovens, pela comercialização do cinema brasileiro em pornochanchadas e outros "enlatados", além das dificuldades de divulgação dos filmes de real valor, tendo-se em vista a ação da Censura e o comprometimento dos proprietários das salas de exibição com os interesses econômicos dos distribuidores estrangeiros. Daí a preocupação de Sérgio Santeiro com os aspectos sociais profundos de sua área de trabalho: "Cinema não é só fazer filmes, isto é o mais simples. Mais importante do que dar um curso ou ministrar conhecimentos é o espírito que se cria, o espaço que se abre como alternativa ao circuito de fora, que está cada vez mais fechado. Dar meios de expressão à juventude é mais importante do que o curso, do que fornecer uma capacitação técnica mentirosa. Mas sou forçado a reconhecer que o espaço conquistado é ridículo do ponto de vista global". Futuramente, quando as condições forem propícias, a estrutura do cineclubes deverá ser cedida a outros locais, já que, segundo Sérgio, "não existe o menor interesse em prendê-lo na Escola".

## Diário de Cinema

Difundindo uma experiência que considera proveitosa, Sérgio Santeiro estimula seus "alunos" a manterem um "Diário de Cinema", análogo ao "Diário de Campo" dos cientistas sociais. É um caderno, onde "se anotam todas as ocorrências cinematográficas". Vale tudo: pensamentos, idéias, roteiros etc. De acordo com Sérgio, "essa via é boa, como demonstraram 12 ou 14 cadernos feitos no primeiro semestre de 1976". Além de acelerar a aprendizagem, os diários fornecem informações permanentes sobre o nível de aproveitamento dos alunos.

"Leio regularmente os cadernos - diz Sérgio. Às vezes sinto vontade de instituí-los mais rigidamente, mas isso seria uma relação autoritária direta com a turma, e não sou tão professor".

## Os primeiros vôos

Quando terminou o semestre inicial de 1976, Sérgio ficou "eufórico". Motivo: a exibição, no cineclubes,

dos 4 cassetes de Super 8 que foram distribuídos a grupos de três alunos, na base do "quem pegar primeiro, pegou".

Essa sessão pioneira foi intitulada "Aprendendo a Voar" e nela também foi projetado o filme "Esquadrão Cotidiano", realização independente do aluno Paulo Melo.

"Para minha surpresa - confessa Sérgio Santeiro - são filmes admiráveis". O primeiro é uma apresentação do próprio cineclubes, único tema proposto por Sérgio aos alunos. O resultado foi uma espécie de autoanálise coletiva, onde Santeiro destaca o "excelente trabalho de cinema de animação feito por Neide Sá". O segundo filme descreve as aulas dos professores Hélio Eichbauer (Pluridimensional) e Roberto Magalhães (Desenho da Imaginação), integrando, assim, o Oficinema com outras artes visuais abrangidas pela Escola.

O terceiro filme abordou a figura do pintor popular César Francisco, que vive no morro e é proprietário de um night-club. O próprio César Francisco musicou o trabalho. Segundo Sérgio, este é um "documentário empírico, de câmera na mão, com muito movimento". O quarto filme, "sólido, lento, parado", documenta a obra do pintor Ismael Nery. "É o melhor filme sobre artes plásticas que já vi - afirma Sérgio. Tem uma adequação ao objeto filmado que me surpreendeu. Uma quantidade enorme de material, máximo de respeito à tela de Nery, com tempo para pensar, pausado".

Os alunos tiveram total liberdade na hora de filmar. "Não interferi na realização - diz Sérgio. Se me faziam consultas, eu reagia. De resto, evito ao máximo qualquer interferência".

A alegria despertada por essa sessão pioneira levou Sérgio a afirmar: "O curso de cinema nunca se efetivou de acordo com o projeto inicial. Só realizamos um terço da proposta, mas de maneira tão rica que supriu os outros dois terços. E os filmes, os alunos, continuam por aí".

